

Baião de Luiz, Humberto e Zé

Diante das constantes reverências a Luiz Gonzaga no ano do seu centenário, a notícia da premiação pela Fundação Nacional de Artes de uma pesquisa sociológica sobre o baião – desenvolvida em Alagoas – aguça o pensamento sobre o quão seu legado musical vem se perpetuando influente a sucessivas gerações no País. O Caderno Dois conversou com o autor do projeto, o doutor em Sociologia e professor da Ufal Elder Maia, para saber mais detalhes sobre a abordagem, que vai virar livro com lançamento em dezembro



Um dos fins da pesquisa é destacar o papel do baião de Gonzaga (acima) na formação da identidade nacional

ELÓ BAËTA
cultura@ojornal-el.com.br

Talvez, não fosse de todo original iniciar esta matéria apenas exaltando os bríos das constantes celebrações com que vêm sendo reverenciados os cem anos de Luiz Gonzaga. O alvo da essência de toda a aura comemorativa Nordeste afora, e nosso foco também aqui, aponta para o quão se perpetua influente a sucessivas gerações a sonoridade poética regional da voz do seu baião.

Basta retroceder a distante década de 1940, quando registros históricos situam a popularização do gênero no País pelo mestre Lua e os parceiros Humberto Teixeira e Zé Dantas. O que repercutiu, se por um tempo dominou a audiência das rádios brasileiras como fenômeno musical nacional, ainda hoje movimenta o ciclo junino.

E essa repercussão não podia florescer de outra maneira senão com o surgimento de significativa parcela de interessados no baião. Ora como inspiração sonora, ora como objeto de estudo.

Nesse raio de influências vem a lume a relação inti-

mista do baiano – de vivências alagoanas – Elder Patrick Maia Alves com essa cantoria viva e dançante marcada por elementos das tradições ibéricas, do fado português e do maracatu africano. E com vertentes no xote e forró.

Nos seus registros pessoais, ele, ainda menino, na sertaneja Senhor do Bonfim onde nasceu e na pequenina Filadélfia, onde viveu o fulgor da adolescência – ambas na Bahia –, crescia justamente sob o fascínio das melodias genuinamente nordestinas propagadas pelo Rei do Baião.

Essa identificação de Elder transcendeu as bancas acadêmicas e, recentemente, virou notícia. O professor do Instituto de Ciências Sociais (ICS), da Universidade Federal de Alagoas, mestre e doutor em Sociologia levou o Estado ao pódio da Fundação Nacional de Artes, este mês, com uma pesquisa vencedora do Prêmio Funarte Centenário de Luiz Gonzaga.

Asociologia de um gênero: o baião foi a única vitoriosa dos concorrentes de Alagoas dentre as vinte propostas premiadas pelo edital da fundação, de um total de quase seiscentos trabalhos inscritos de todo o Brasil.

Considerado de relevância para o panorama cultural local, regional e nacional – um dos critérios avaliativos da Funarte sobre as propostas – e premiado com o valor de trinta e cinco mil reais, o projeto não intenta assegurar à coletividade a já bem propagada contribuição melódica do baião.

A linguagem mais árida, de caráter técnico, aponta para sua reflexão sociológica como principal foco do estudo. Um dos fins é destacar o papel do baião de Gonzaga na formação da identidade nacional. Assim como na construção da memória lúdica de intérpretes, instrumentistas, músicos, letristas, dentre outras questões, observa o pesquisador, de 33 anos.

O Caderno Dois conversou com o sociólogo sobre o pensamento registrado em A sociologia de um gênero: o baião, que será transformado em livro de mesmo título, publicado e editado pela Edufal. O lançamento será aqui e no Rio de Janeiro, em dezembro, o mês de aniversário do pernambucano de Exu.

Contira nas páginas B2 e B4